

POVO

ALGARVE

Semanário Regionalista

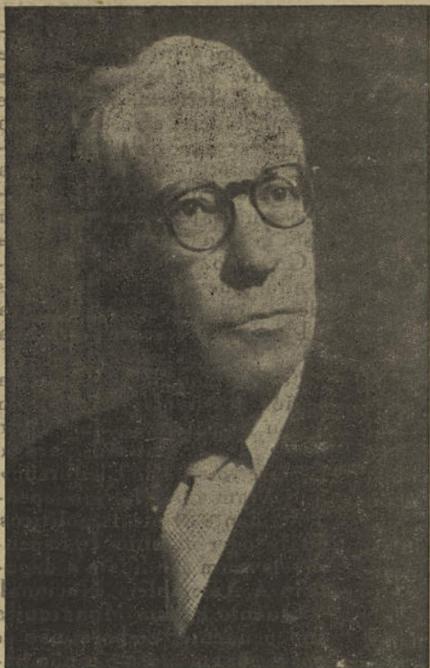
Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração
 Rua Dr. Pereira, 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão
 Tipografia «POVO ALGARVE» - Telefones 233 - TAVIRA



O Poeta Emiliano da Costa, taviense ilustre, foi, no passado domingo, data do seu 76.º aniversário, alvo duma significativa homenagem.



Poeta Emiliano da Costa

Emiliano da Costa, essa excelsa figura de poeta que viu pela primeira vez a luz do dia nesta cidade lendária, que ensaiou os seus primeiros passos nestas margens silenciosas do Séquia, em contacto com a Natureza, contemplando os montes, remirando-se no Oceano e aspirando aromas de alecrim e rosmaninho no mistifório eflúvio da maresia, aqui recebeu a génese da poesia.

No passado domingo, o inspirado autor de tantas e tão primorosas joias poéticas, completou 76 anos de idade, o que serviu de justo motivo para ser alvo de mais uma apoteótica manifestação de simpatia.

No cumprimento da mais expressiva manifestação de carinho, um grupo de amigos deslocou-se à sua casa de Estoi para o abraçar, oferecendo-lhe as mais lindas flores, como penhor sincero da sua admiração. Depois é o Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve que lhe promove uma eloquente homenagem, realizando uma sessão cultural em que declamaram as sr.ª Amélia Campos Coroa e professora D. Maria Salomé Rolão e os srs. Drs. Emilio Campos Coroa, Amílcar Quaresma e Joaquim Teixeira, tendo igualmente colaborado todos os elementos do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve, cuja actualidade foi brilhante.

E o Poeta assistiu comovido à Saudação e à dramatização dos poemas da sua «Rosairinha», com aquela expressão

Continua na 4.ª página

A Televisão no Algarve é privilégio de alguns

A Televisão, na província do Algarve, continua a ser privilégio de alguns mais afortunados, residentes nas localidades onde se vê.

Muito embora logo que a T.V. surgiu em Portugal, a Imprensa tivesse dado o alarme de que no Algarve algumas localidades não beneficiariam desse progresso, o que é uma dura verdade é que já lá vão decorridos um bom par de anos, e apesar das promessas de montagem de novos postos que permitissem solucionar o problema, nada se fez.

Quase toda a região de Sotavento do Algarve está inibida de ver a T.V. e os que a

Continua na 3.ª página

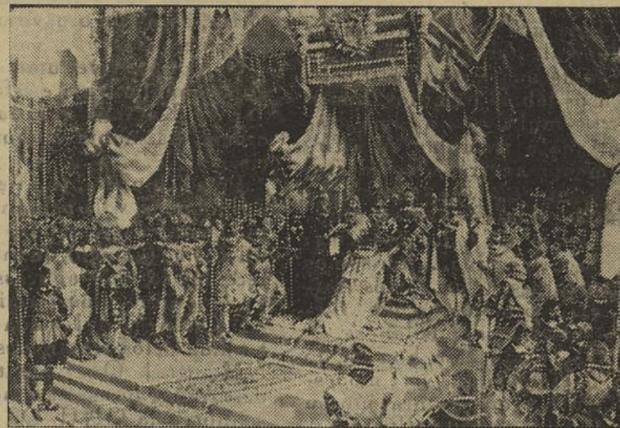
Nossa Senhora do Livramento

Inicia-se no próximo dia 16 do corrente a tradicional novena em louvor de Nossa Senhora do Livramento, protectora da classe piscatória. A festa celebrar-se-á no dia 26.

A COROA REAL

SÍMBOLO, no dizer de Littré, é o sinal sensível que tem por objecto representar aquilo que não tem expressão figurativa.

Deste modo, ao querer aumentar seja o que for, de longo ou abstracto, o homem, desde o mais civilizado ao mais inculto, recorreu ao símbolo.



Acclamação solene de D. João IV, no Terreiro do Paço

Há símbolos eternos que num ápice de momento têm o condão de nos pôr em contacto com a matéria mais complicada e transe idênta. Está entre estes últimos a coroa real.

A princípio, a coroa, de composição improvisada, fez-se de louro, de oliveira, de flores, etc. Apenas significava triunfo, distinção.

Mais tarde, como após o trunfo vinha em geral o mando, começou a ser usada pela autoridade suprema e, porque o entrelaçado de tirso ou hastes oferecia pouca duração e estabilidade, passou a usar-se a coroa de metal, matéria dúctil

Continua na 3.ª página

RESCALDO DE UMA CAMPANHA ELEITORAL

TERMINOU mais uma campanha eleitoral. Ao contrário das precentes eleições para deputados, calmas e pobres em listas de opposição, apareceu-nos uma opposição pronta para tudo; até mesmo para provocar distúrbios.

Extinta a eleição do Presidente da República por sufrágio universal, a opposição democrática só tinha uma ocasião para excitar os ânimos.

A ocasião não era propícia a pleitos eleitorais, o país encontrava-se a braços com delicados problemas relativos às províncias ultramarinas, nomeadamente em Angola onde milhares de portugueses, brancos, negros e mestiços, haviam caído sob os golpes traiçoeiros da escumalha paga e armada por Moscovo. Em muitos lares reinava o vazio deixado por um bravo defensor do Ultramar, vazio esse que, em alguns casos, jamais será preenchido.

Continua na 2.ª página

Pela Imprensa

«A Voz de Loulé»

Completo 9 anos de vida este nosso prezado colega, simpático quinquenário, defensor dos interesses da importante vila de Loulé. Pelo passagem de mais um aniversário, felicitamos o sr. Dr. Jaime Guerreiro Ruá, seu ilustre Director, bem como o seu proprietário, sr. José Maria da Piedade Barros, e quantos para ele trabalham, fazendo votos pelas prosperidades de «A Voz de Loulé».

«Diário Ilustrado»

Entrou no 6.º ano de vida este excelente diário da capital, inteligentemente dirigido pelo distinto jornalista Manuel Nunes Corrêa. Para comemorar a efeméride fez publicar um número especial de 48 páginas.

Por tal motivo endereçamos ao seu ilustre Director e a quantos trabalham para o «Diário Ilustrado», as nossas cordiais saudações, com votos de muitas prosperidades para o seu jornal.

Festa de Sta. Luzia

Realiza-se no próximo dia 13, na vizinha e laboriosa povoação de Santa Luzia, a tradicional festa honra da sua padroeira.

Na tarde haverá procissão, que percorrerá as ruas da povoação, sendo acompanhada em todo o seu percurso pela Banda de Tavira.

Ao recolher haverá sermão por um distinto orador sagrado.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Carta de Angola

ESTE batuque infernal que se iniciou naquela tarde fatídica de Fevereiro e atingiu as culminâncias a partir de 15 de Março parece que está a atingir o seu termo.

Será?...

(por M. Guerreiro)

Só o tempo, esse mestre infalível, no-lo dirá. Os aborígenes regressam aos seus aldeamentos pedindo a protecção às autoridades militares e administrativas.

Não será fácil a triagem de culpados ou inculpadados.

Não será fácil medir o grau de sinceridade das suas afirmações.

Sabemos porém, que os criminosos lançados nesta louca, sangrenta e desumana aventura arrastaram consigo aldeias pacíficas, impondo a morte inexoravelmente a quantos se não deixaram convencer.

E sabemos também que no amontoado dos rostos que ora se apresentam, brilham olhos intranqu岸os que sádicamente, selvaticamente, naqueles dias negros de Março, olharam as suas vítimas, inocentes vítimas, que mais não faziam que ganhar o pão com o suor do seu rosto.

Há-os também que pratica-

Continua na 2.ª página

O Dia da Legião

O Comando Distrital da Legião Portuguesa comemorou solenemente o dia 8 de Dezembro - Dia da Legião

A's 8 horas foi hasteada a bandeira no quartel do Comando Distrital e Batalhão n.º 27, com as honras regulamentares, prestadas pelas forças dos núcleos de Faro, Olhão e Loulé. Depois houve missa na Sé e em seguida desfile, com a banda de música, pelas ruas da cidade.

A's 11 horas houve sessão solene no salão nobre da Junta Distrital, presidida pelo sr. Governador Civil do Distrito, tendo usado da palavra o sr. Capitão Rafael Pedro Pereira, Comandante do Batalhão n.º 27, e que falou sobre o significado das comemorações, e o sr. Dr. Jorge Correia, oficial de milícia e ilustre deputado da Nação, que fez uma brilhante alocução patriótica sobre o tema «Províncias Ultramarinas».

Início da 8.ª Legislatura da Assembleia Nacional

ENTROU em funcionamento a Assembleia Nacional que acaba de ser plebiscitada pelo o Povo Português.

Escolhidas, com uma preocupação construtiva profundamente patriótica, as 130 individualidades que na suprema Assembleia Legislativa da Nação hão-de abordar todos os problemas, alguns por certo extremamente delicados sobre que se debruçarão durante estes 4 longos e decisivos anos futuros, há-de interpretar-se essa eleição sob dois aspectos fundamentais:

Todos os deputados têm da parte do Presidente do Conselho, como Presidente da Comissão Central da União Nacional, incondicional confiança; todos os deputados têm da parte do eleitorado metropolitano insular e ultramarino um apoio que, segundo as estatísticas de «L' Aurore», jornal francês que frequentemente se debruça sobre a vida pública portuguesa, para ser unânime exigiria, na prática

Continua na 3.ª página

por H. Boaventura

A Emiliano da Costa

Hale, domingo, três do mês em que nasceu Jesus, faz setenta e seis anos que em Tavira (cidade que no Séquia se remira), mais um poeta era dado à luz.

O tempo foi passando, e vai passando, porque o tempo é assim, não quer parar. Entretanto, a seu lado caminhando o Poeta não deixa de cantar!

— Ó Génio deste Algarve impressionista sempre moderno, sempre original; tu és de longe, e a perder de vista, um mestre de poesia em Portugal.

De parabéns aceita um grande abraço, aceita; poeta meu amigo e meu irmão. Venho de longe, cheio de cansaço, e nada mais te trago, desta feita, a não ser... a não ser o coração.

Faro, Dezembro de 1961

Alberto Marques da Silva

TROVA

Amor's meus, da mocidade,
 Já todos tiveram fim...
 Só não tem fim a saudade
 Que eles deixaram em mim!

Isidoro Pires

Carta de Angola

Continuação da 1.ª Página

ram crimes sob a vigilância do fio apurado da catana, que não perdoava ante a hesitação.

Há os inocentes que vaguearam errantes pela selva, numa fuga temerosa aos assassinos, no receio às forças da ordem que chegaram.

Que a visão apurada dos que recebem essa massa faminta saiba triar com segurança, dando apoio aos inocentes e o merecido castigo aos criminosos, segundo os crimes que praticaram e as circunstâncias em que os cometeram.

Só então poderá ser iniciada com segurança a ascensão dolorosa no campo económico, partindo dos escombros que a fúria assassina semeou neste martirizado norte de Angola e, simultaneamente, ser revista a parte social, libertando-a dos erros que facilitaram o trabalho de organização do inimigo.

Dizia-nos há dias um velho colono de faces tostadas pelo calor de quase vinte mil sóis, com os lábios trémulos, com a voz trémula, com a alma desfraldada a tremular, mas firmemente agarrada ao mastro forte que é a sua vontade, a desafiar todos os ventos, pronta a enfrentar todas as fúrias: «Não meu amigo... ou somos portugueses... ou somos traidores... o momento que vivemos não dá para balancé».

E tem razão esse homem do povo. Homem que vive modestamente e que nunca juntou uns cobres para ir reluzir fortunas na Metrópole. E com que saudade ele fala da sua terra! Nunca lá voltou! Nem voltará jamais... anda por cá há cinquenta e tantos anos... mas sem perder o sentido puro da Pátria. «A Pátria acima de tudo», dizia ele.

E eu ouvia-o embevecido, pensando no rugir das feras esfainadas, cobiçosas, que nos cercam.

Que beleza tinha a serenidade das afirmações porteguesíssimas que saíam daquela voz que já foi batida por todos os vendavais da fortunada «A Pátria acima de tudo»!...

Assim pensaram os portugueses de Angola no momento em que a intriga estrangeira procurou desuni-los.

Apresentaram-se às eleições apenas duas cores — encarnada e verde. Uniram-se. Cobriram-se com a esfera armilar. E com o escudo. E com os sete castelos. E apresentaram como legenda: «Esta é a dita Pátria minha amada».

O resto foi simples. Votaram em Portugal! Dos eleitos saíram brancos, pretos e mestiços. Todos portugueses. E de uma só face.

Foi sempre assim. E será sempre do mesmo modo pelos tempos fora, a alma deste bom e grande povo português.

Cândido, paciente e crédulo, esse povo que os saltadores dos nossos dias insulta, apelidando-o de «o mais selvagem da Europa», não sabe voltar a face, nem sabe trair.

Foi assim em todos os tempos. Sabem-no os moiros, os espanhóis, os franceses, os alemães, os ingleses. É de estranhar que os americanos tivessem esquecido a lição levada pelos Corte-Reis.

Daí a monstruosa e repugnante campanha que a não menos repugnante e monstruosa ONU move contra nós.

Essa mesma ONU que faz todos os esforços para dominar totalmente o Congo ex-Belga, que arrastou para o caos, essa mesma ONU que prepara o salto sobre o cobre e os diamantes do Katanga, única província desse desgraçado Congo onde ainda existe ordem e onde brancos e pretos trabalham lado a lado, harmoniosamente. Essa mesma ONU que conde-

na a nossa repressão ao banditismo e que vai fazer vista grossa ao massacre, esquarteramento e banquete do Kindu, praticado nos corpos de doze aviadores e um médico italiano, a quem estamos ligados pela latinidade.

Miserável mentalidade a nossa, que não dá para que cheguemos a compreender porque vota a Itália contra nós! E a Bélgica a quem ajudamos a repatriar as crianças, as mulheres e os homens, espancados, vilipendiados desumanamente, nas pessoas de quem foi praticado toda a sevicia vil e monstruosa!

Será porventura «moderno» alinhar na ética canibalesca? E ter que ceder os nossos «presuntos» para o banquete? Ou o corpo da filha para o batuque? Ou... Ah! loucura cobardel! Oh! abdicação vergonhosa dos governantes que condenam «os ventos da História», para que o povo os não condene.

O Congo vive uma anarquia sangüinolenta e esfomeada: O Katanga respira paz, ordem, harmonia e abundância.

Pois a loucura, (o interesse) dos homens, vota pela integração da ordem (Katanga) no canibalismo (Congo), quando parece lógico, que aplicassem a apregoada autodeterminação ao Katanga, reclamada e defendida pelos Katangueses.

Mentira! Que mentirosos descarados nos saíram aqueles senhores da ONU. Ou talvez sejam sinceros... Mas então são loucos...

Talvez... Ocorre-me uma história... (já tem barbas, desculpem.)

«Após uma insubordinação num manicómio de determinada cidade, foi verificada a evasão de vinte internados loucos (dos furiosos). Alertada a polícia e feita imediatamente uma batida pela cidade, (só na cidade), os agentes apresentaram-se satisfeitos no edifício hospitalar, com os doentes capturados.

Feita a conferência, verificou-se que tinham sido presos para cima de trezentos loucos, sem que contudo a polícia tivesse posto a mão em algum dos vinte que haviam fugido.» Quem sabe se...

Pois é ali, no Katanga, que se apresta para vender cara a liberdade, que a «ONU» aponta agora a lança ensanguentada, envolvida em papel de seda e com fitinhas de várias cores, gritando convicta e histéricamente:

«Calomniez, il en reste toujours quelque chose».

Quando cá chegam porém os fumos estonteantes emanados do facho da estátua da liberdade, ou os sons do batuque cadenciado pelo tacão mal cheiroso de um sapato qualquer, o Zé, o tal «povo mais selvagem da Europa» (talvez quizessem dizer o mais valente), recebe essas cínicas manifestações trágico-carnavalescas, com todas as honras, apresentando-lhes as tradicionais armas de S. Francisco.

Como se não bastasse a tragédia que já vivemos, de novo cobrimos a nossa alma de pesados crepes pela inesperada tragédia que no Chitado devorou uma preciosa elite de chefes de quem muito a Pátria tinha a esperar.

Brutal acidente que impressionou toda a Província.

Jamais os nossos olhos haviam visto tão impressionante manifestação de pesar como a que a população da cidade prestou às destitutas vítimas.

No tão extenso percurso que separa a Igreja de Jesus do cemitério do Cruzeiro, a população abriu alas à passagem do grandioso cortejo fúnebre.

Rolavam lágrimas pelas fa-

Tribunal Judicial

Comarca de Tavira

ANÚNCIO

O Doutor João Carlos Leitão Beça Pereira, Juiz de Direito da comarca de Tavira;

Faz saber que no dia vinte de Dezembro próximo, pelas onze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca se há-de proceder à arrematação em hasta pública dos bens a seguir indicados, e pelo maior lance oferecido acima do indicado. Bens penhorados: — Primeiro — O direito a metade de um prédio denominado «Arneiros», no sítio das Solteiras, freguesia da Conceição, deste concelho, que consta de terra de semear e matosa, com diverso arvoredo, casas de moradia, e suas dependências, inscrito na respectiva matriz predial rústica da referida freguesia sob os artigos quatrocentos e cinco, quatrocentos e seis e quatrocentos e dez, com o rendimento colectável total respeitante ao direito penhorado de duzentos e oitenta e cinco escudos e cinquenta centavos, a que corresponde o valor matricial respectivo de oito mil quinhentos e sessenta e cinco escudos, e a parte urbana inscrita na matriz respectiva sob o artigo quatrocentos e noventa e seis, com o rendimento colectável correspondente à parte penhorada de sessenta e dois escudos, com o valor matricial respectivo de mil quatrocentos e oitenta e oito escudos, correspondendo ao direito penhorado o valor matricial total de dez mil e cinquenta e três escudos, valor por que vai à praça. O prédio no seu todo confronta, norte com a Mata Nacional, nascente com a Estrada de Lisboa, herdeiros de António Martins Espanhol e outros, poente com Joaquim Tomaz Leitão e outros e sul com o Ribeiro. Segundo — Um animal de raça cavalar sexo masculino de cor preta, com idade aproximada de cinco anos, avaliado em dois mil escudos, valor por que vai à praça. Estes bens foram penhorados a Rogério da Conceição Guerreiro, casado, proprietário, residente no sítio das Solteiras, freguesia da Conceição, desta comarca, e deles é depositário, nos autos de execução fiscal administrativa que lhe move a Fazenda Nacional. São por este citados credores incertos ou desconhecidos para assistirem à arrematação anunciada.

Tavira, 22 de Novembro de 1961.

O Juiz de Direito,

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Chefe da Secção de Processos

João F. Nunes Gonçalves

Café em Tavira

Arrenda-se, trespassa-se ou precisa-se sócio gerente. Nesta Redacção se informa.

ces das mulheres, Os homens contraíam os músculos. As crianças precocemente amadurecidas para a vida, olhavam seriamente e em silêncio a grandeza impressionante da tragédia que desfilava.

O Céu cinzento havia já chorado as suas lágrimas.

Quando as dezanove urnas se alinhavam junto ao cemitério do Cruzeiro, a Artilharia deu as salvas do estilo. O Sol surgiu então para tomar parte na grandiosa manifestação.

E a nuvem resultante das salvas da Artilharia, baixou, e beijou as urnas, de uma a uma, a saudar os heróis que morreram no cumprimento da missão que a Pátria lhes confiara.

RESCALDO DE UMA CAMPANHA ELEITORAL

Continuação da 1.ª Página

Aproveitando-se das preocupações de muitos, as forças do mal lançaram o alarme e a inquietação com boatos que causaram dissabores e aflições às famílias dos expedicionários algures no Ultramar. Era necessário agitar e desorientar as massas!

A campanha destrutiva da oposição começou logo no início da campanha eleitoral. Porém uma coisa é de notar: a grande infiltração de comunistas e filo comunistas nessas listas e nos seus proponentes, alguns dos quais já haviam sido condenados por actividades do partido comunista português como foi o caso do candidato por Santarém. É também um facto notório dado por Rádio Moscovo a essas listas de oposição, sabendo nós que eles não agem por filantropia.

Apresentaram um programa de democratização da república, que vendo bem, está baseado praticamente nos princípios da revolução de 1910, cujo resultado está bem patente nos jornais da época: as convulsões sociais sucediam-se causando sempre maior descontentamento, os sindicatos eram assaltados e presos os seus dirigentes, jornais destruídos e espancado o seu pessoal e as organizações secretas, «Carbonária» e «Formiga Branca», não descansavam com os seus criminosos ataques «limpando», desse modo, todos aqueles que se colocavam entre elas e os objectivos que pretendiam alcançar.

E foram, os opositoristas, que aos vivos a Portugal pretendiam, como deram a entender, alienar os territórios ultramarinos sob o pretexto de as outras nações nos haverem retirado o seu apoio. Deviam ter vergonha de dar vivas a Portugal quando pensam esquarterá-lo, esquecendo os sacrificios de milhares de portugueses que há séculos labutam para conservá-lo unido. Depois de lermos os comunicados, as exposições e os manifestos da oposição democrática muitas conclusões há a tirar:

1 — A campanha eleitoral serviu somente de pretexto para excitar e alvoroçar os espíritos das massas operárias, sedentas de reformas que lhes aumentem o nível de vida, seguindo impensadamente falsos profetas que tudo prometem e nada dão.

2 — A desistência de ir às urnas foi um golpe espectacular que estava estudado desde o início da campanha, aguardando somente a ocasião propícia.

3 — Mais uma vez, faltando ao respeito pelos mortos, mostraram que para eles nada é sagrado e tudo lhes serve para alcançarem os seus desígnios.

4 — Esqueceram propositalmente de se referirem a certos pontos fundamentais tais como as relações com a Igreja, afirmando simplesmente que pretendiam uma revisão da Concordata não dizendo porém em que sentido.

5 — Mostraram mais uma vez que não pretendem melhorar a situação do povo português mas sim lançá-lo na anarquia das revoluções e em todo o género de convulsões sociais, para no fim aparecerem como redentores e salvadores dos destinos da Pátria.

Não quero dizer, com isto, que todos os democratas sejam indivíduos sem consciência e traidores à Pátria. Não pertenço à União Nacional nem me solidarizo com ela, por isso não ataco a oposição por fobia, nem posso deixar de afirmar que há democratas honestos nas suas ideias e que se poem em dúvida certos princípios é por não reconhecerem

os erros dos ideais que professam ou por outra, por os seus ideais como ideais terem algo de aproveitável, mas na prática temos provas de que são falíveis em muitos pontos.

Não quero, também, acusá-los de comunistas por colaborarem com eles, mas mostrar que se enganam com tais alianças políticas, dando origem a lamentáveis confusões de que eles se aproveitam hábilmente. Por isso lastimo bastante que certos democratas, homens de valor que pretendem de facto trabalhar para bem de Portugal, se misturem com elementos bastante duvidosos.

Há, porém, alguns factos nesta campanha, em que devemos meditar e algumas atitudes que devemos louvar. Nelas podemos incluir a atitude da Causa Monárquica perante o pleito eleitoral que não se alheando dele, e apesar de não colaborar com a União Nacional, preferiu, em virtude da hora grave que a Nação atravessa, não apresentar qualquer lista que pudesse por em causa o Governo da Nação, considerando que acima dos seus ideais políticos se encontrava a Pátria gravemente ameaçada na sua sobrevivência.

Facto digno de registo foi a acção desenvolvida por um grupo de patriotas, que sob o nome de «Comissão para o Esclarecimento do Eleitorado», indicavam ao eleitor, independentemente de ideais políticos, quais os requisitos indispensáveis a um candidato a deputado à Assembleia Nacional.

Quanto à lista Monárquica Independente, embora não se possa pôr em causa por não haver sido aceite, há que salientar os comunicados esclarecedores que a imprensa divulgou e a não colaboração com as listas da oposição, apesar das tentativas desta nesse sentido.

Terminou mais uma campanha eleitoral! E durante quatro anos vai-se tentar, de novo, reunir os portugueses numa só família, embora muito heterogénea em virtude de uns comerem na casa de jantar e outros no chiqueiro dos porcos, para daqui por quatro anos repetir-se a mesma cégada, mas em maior escala porque eles, vermelhos como tomates, não dormem nem ignoram os erros dos responsáveis e segundo dizem, já escolheram os candeeiros.

Chegou portanto, a hora de acabar com os discursos e passar ao campo prático!

Não é dizendo que eles mentem que o perigo se afasta mas, sim esclarecendo convenientemente o povo. Não é com promessas de melhoria de situação que se afasta o perigo bolchevista, mas sim actuando no sentido da satisfação dos justos anseios do proletariado. Não é reprimido com a força que se afastam as tentativas de convulsões sociais, mas sim evitando e castigando com dureza, e sem contemplação pelos padrinhos, todos aqueles que tomem atitudes injustas e abusem da autoridade em que foram investidos, provocando dessa forma a maior parte dos descontentes que por aí abundam e só desejam ser tratados, com dignidade e justiça que se deve a qualquer ser humano.

Que os governantes estejam atentos! O Povo Português não é comunista nem amante de aventuras revolucionárias mas urge evitar que a má semente apanhe o campo lavrado e ganhe raízes fundas, difíceis de tirar.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem Assinaturas e Publicidade.

A COROA REAL

Continuação da 1.ª Página

til e duradoira, tal qual se compreendeu que devia ser a autoridade.

A coroa, figura, sofreu através dos séculos várias modificações, por simples questão de gosto, se é que o gosto não significa muitas vezes o instinto das conveniências.

A coroa mais venerada na Europa, foi sem dúvida a coroa de ferro dos reis lombardos, por ter um círculo forjado com um dos cravos que pregaram Cristo na cruz, diz-se.

Seria interessante averiguar e coleccionar o maior número de pormenores sobre a coroa dos reis portugueses, hoje considerada reliquia histórica, trabalho a efectivar por torentas, joalheiros, arqueólogos ou eruditos.

Há muito quem suponha que os reis da Casa de Bragança não usaram coroa por D. Sebastião a ter perdido no escaldante areal de Alcácer Kibir.

Em Alcácer-Kibir a coroa não se perdeu para a história. D. Sebastião soube morrer como rei e como português. O crepúsculo de agonia do cardinal velho, a luta sem unidade política de D. António, a mão rapace de Filipe de Espanha atacando o poder, foi apenas um momento triste da monarquia secular.

Há ainda que Filipe não se apoderou de Portugal por direito de conquista.

Embora o pretendente menos considerável, corria-lhe nas veias sangue lusitano.

Verdade é que durante os sessenta anos a própria Espanha sofria de eclipse e lá como cá, o povo pagava a vaidade e a falta de tino administrativo do monarca.

Ora, para descontentar súbditos, nada como presentear-lhes com impostos. Carregados deles, ainda os portugueses receberiam mais o encargo das «meyas annatas» e o tributo de sangue, pois eram obrigados a combater em guerras que não nos dizia respeito. Sufocava-se.

Mas a quem se daria a coroa que fulgiu na frente dos Cavaleiros de Avis, senhores de Aquém e Além-Mar?

O maior senhor (aquele que possuía mais extensão territorial), filho do paladino da liberdade que foi D. Teodósio de Bragança, objecto das atenções particulares de Filipe IV que o casara com a filha do duque de Medina Sidónia e o requisitara para o seu séquito, consultado sobre se aceitaria o governo respondeu que em Lisboa os fidalgos se contavam até quarenta e o povo, eterna cana agitada pelo vento, não possuía armas nem dinheiro para resistir. D. João de Avis defendia-se, com portugueses ele teria homens que sempre viveram sob o domínio de Castela.

Medo? talvez, mas daquele da côr da prudência, como dizia D. Aleixo.

E foi aquela mulher engraçada e miúda que Filipe deu ao duque para o prender a Castela, que encorajou o marido a aceitar a coroa de Portugal.

Na manhã do 1.º de Dezembro, desde os 40 conjurados ao povo humilde, toda a Nação num só bloco deitou o domínio

A Televisão no Algarve é privilégio de alguns

Continuação da 1.ª página

conseguem captar é em péssimas condições de visibilidade.

Quem estiver interessado em assistir a qualquer manifestação de carácter nacional ou internacional, anunciada nos programas dos jornais diários, terá que procurar local onde se veja.

E estará isto certo? Não terão todos os portugueses direitos iguais?

Neste já longo espaço de tempo porque não se procurou remediar o mal?

Todavia, estamos informados que há quem pague taxa de T.V. nesta região. Mas para vêr o quê?

Isto vem a propósito de uma quadra subscrita por um anónimo que encontramos debaixo da porta da nossa Redacção e não resistimos à tentação de a publicar, para satisfazer a curiosidade dos nossos leitores e, além disso, pelo espírito que revela, sobretudo em relação a esta região algarvia.

*Pergunto a todos aonde
Poderei ver a T.V.
Nem o eco me responde,
Ninguém ouve, ninguém vê.*

Arrenda-se ou trespassa-se

Um estabelecimento situado na rua José Pires Padinha, 34-36, local este que serve para todo o ramo de negócio.

Quem pretender dirija-se a João de Matos, Rua dos Mouros, 15 — Telf. 270 — Tavira.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Monte dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

estrangeiro pela janela fora na pessoa de Vasconcelos e se declarou livre.

Quinze dias após, reuniram-se as cortes e D. João, II do nome, oitavo duque de Bragança, cingiu a coroa de Portugal.

Ele não esqueceu o discurso de D. João da Costa:

«He facil fazer Rey ao Duque de Bragança, mas he muyto difficultoso sustentar-lhe a coroa».

D. João não mudara de opinião acerca da sua própria segurança quando dizia:

«... não nos fica para que apelar senão para milagres & milagres, senhores, he justo que se cream, he bom que se mereçam, mos não he razão que se esperem...»

Então, como preito de homenagem e segurança em tão grande perigo, foi depor a coroa de Portugal aos pés da Virgem Imaculada que proclamou Padroeira da boa Terra portuguesa.

Assim, o destino da Coroa Real Portuguesa é um destino eterno e alto como os céus, símbolo da monarquia, mas também símbolo da Raça que Deus fadou para fins mais altos.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Brito dos Reis Silva, menino Paulo José Relvas e os sr. António Vitorino Junior Milharó, Paulo Gonçalves Raimundo e Dail Gínistal Costa Campos.

Em 11 — D. Irene Julietta Soares Ramos e os srs. José Joaquim Pereira, Arnaldo Fagundes Peres, Manuel de Sousa Rosa e Cláudio Trindade.

Em 12 — D. Angelina Joana Trindade e os srs. Rogério Pereira Leiria e Manuel Sabino das Chagas.

Em 13 — Meninas Maria Luisa Cavaco Quintelas, Maria Leonor Duarte Correia e o sr. Francisco Fernando dos Santos.

Em 14 — D. Emelina do Nascimento Peres, D. Maria Helena Peres Jara, D. Maria da Conceição Martins de Matos, D. Olívia da Conceição Martins, D. Maria José da Trindade Custódio, D. Olívia Martins Luis Campos, menina Maria Agnelo Pires Madeira Ramos e o sr. João Agnelo de Brito.

Em 15 — D. Mariana da Encarnação Sales e os srs. Sebastião Martins Vieira e Manuel João Fernandes.

Em 16 — D. Adelaide Soares Monteiro, D. Ofélia Vieira Martins Fernandes e o sr. José Alberto Capela e menino Fernando de Albuquerque Rosa Pinto.

Partidas e Chegadas

No goso de férias encontra-se nesta cidade o sr. António Inácio Vitória da Conceição, nosso assinante, residente em Mortágua.

— Em serviço, esteve nesta cidade o sr. António Francisco Vitorino Rodrigues, Inspector da Companhia de Seguros Tagus e nosso nosso prezado assinante.

Casamento

No dia 2 do corrente, realizou-se na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, o casamento da sr.ª D. Zélla da Silva Pacheco de Sousa, natural de Tavira, filha da sr.ª D. Julieta Justina Palma Silva e Sousa, e do sr. Domingos Pacheco de Sousa, já falecidos, com o sr. Jorge Sequeira Carrilho, natural do Crato, 2.º Sargento do Exército, filho da sr.ª D. Sofia da Conceição Sequeira Carrilho e de José Gabriel Carrilho, já falecido.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva a sr.ª D. Aurea Lidia Tavares Sauto e seus tios sr.ª D. Maria Vitória Celeste Bandeira Monteiro e Silva e José Aníbal Palma e Silva, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Amélia Sampaio e Eça da Fonseca Bastos e seu esposo sr. Dr. Jorge Sampaio e Eça da Fonseca Bastos, abastados proprietários.

Finda a cerimónia, os tíos da noiva ofereceram aos convidados um finíssimo copo d'água, findo o qual os noivos seguiram em viagem de núpcias pelo Sul do país, devendo no regresso fixar a sua residência em Lisboa.

Doente

Por motivo de doença tem estado internado no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, um filhinho do nosso conterrâneo sr. José Maximiano Correia.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Necrologia

João Rodrigues Faria

Faleceu no passado dia 4 do corrente após prolongado sofrimento, o sr. João Rodrigues Faria, de 78 anos de idade, tesoureiro da Câmara Municipal, aposentado, natural de Tavira.

O falecido era casado com a sr.ª D. Caçilda Santos Faria e pai do sr. Manuel Durval dos Santos Faria, agente técnico de Engenharia. O seu funeral realizou-se na tarde de 5, para o cemitério municipal.

D. Maria das Dores Livramento

Também faleceu nesta cidade, no passado dia 4, a sr.ª D. Maria das Dores Livramento, de 88 anos de idade, natural de Tavira.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

Despedida

João Luís Arnedo, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, apresentar as suas despedidas a todos os seus amigos e oferecer a sua casa em Bissau — Guiné Portuguesa.

Casa - Vende-se

Com grande quintal ou só quintal com frente para três ruas, próprio para construções. Trata o solicitador José António dos Santos, rua Alexandre Herculano — Tavira.

Início da 8.ª Legislatura da Assembleia Nacional

Continuação da 4.ª Página

profundamente realista e autêntica, apenas 12% dos eleitores que são. efectivamente, oposição. Jamais se conseguiu, em regime parlamentar, uma Assembleia Legislativa Nacional com semelhante unanimidade entre o opinião do Governo e o corpo eleitoral, independentemente, é claro, do próprio jogo legal parlamentar que, segundo a principiologia contida na lei das maiorias, força a minoria dos 12% a sujeitar-se «desportivamente» e de ânimo positivo a agir, pelo menos com igual empenho, para alcançar a vitória final da equipe. É assim na pureza democrática da Lei, desde os tempos remotos do velho Jean Jaques Rousseau.

Deixemos este aspecto da unanimidade na escolha da representação, fracamente bom para entrarmos na forma como vai procurar-se a vida interna da Assembleia.

Como é do conhecimento geral, a 1.ª sessão legislativa de cada legislatura permite a escolha do seu presidente para presidente para os quatro anos de trabalho. Acto deveras delicado e complexo, se pensarmos principalmente nas responsabilidades que tem para com a Nação de 24 milhões de portugueses o Corpo Legislativo que é, nada mais nada menos, o supremo fiscal da execução da constitucionalidade das Leis, o aferidor da acção do Executivo. Acresça-se a isto o facto das circunstâncias delicadas em que irá trabalhar a Assembleia em razão das ameaças que impendem sobre algumas parcelas do espaço português. O que for o seu Presidente e da unanimidade ou desencontro na sua escolha decorrerão eventualidades que podem ser de grande monta.

Olhando ao longo período em que tem servido a Nação como Presidente da Assembleia Nacional — 16 anos cheios de trabalho consciente, dinâmico e vigoroso, mas por isso mesmo extenuante — entendeu o sr. Conselheiro Albino dos Reis enviar à mesa da Assembleia carta altamente nobilitante, em que sublinha, em dado passo:

«O meu voto será, sr. presidente, que a escolha da mesa, mas especialmente do seu presidente, recaia em pessoa pue pela sua experiência pelo seu prestígio intelectual e moral, pela sua isenção, perfeito equilíbrio, largas provas na arte de orientar e coordenar as reacções parlamentares, dê ao País garantias de que a actividade legislativa e política da mais alta Assembleia da Nação se

processará com a elevação, a dignidade, a liberdade e o patriotismo indispensáveis ao seu prestígio na opinião pública e entre os outros órgãos da soberania. O outro voto, finalmente, seria, sr. presidente, o de que essa escolha tivesse, se possível, a nota de uma grande unidade da Câmara, não só para autoridade do eleito, mas também como exemplo de que essa unidade que tantos reclamam e tão necessária é no momento difícil que a Pátria atravessa, é mais do que uma irrealizável aspiração e uma palavra vã. — uma realidade patente no espírito e nos actos dos representantes da Nação; exemplo que, partindo de tão alto, seria edificante para aquela conjugação de sentimentos e boas vontades em torno dos mais caros interesses da grei que o Governo se propõe».

Não foi em vão tal prova de isenção e patriotismo da parte do sr. Conselheiro Albino dos Reis, que teria sido de novo eleito, se não tivesse entendido escusar-se legitimamente a tão honroso, mas pesado encargo.

Assim, o escolhido tem todos os predicados que aponta ao seu sucessor, o Prof. Dr. Mário de Figueiredo, e a eleição decorreu como pode ver-se dos seguintes números: Em 111 deputados presentes entraram nas urnas 110 votos dos quais 2 foram anulados por, em relação a outros membros da mesa, haver cortes nas listas.

Assim, quanto ao Presidente com a unanimidade ou com menos dois votos, consegue-se um poder de homogeneidade que dará à Nação uma certeza: Vamos caminhar céleres e firmes e o País dará interna e externamente, nos 4 anos que seguirem, no que diz respeito à Assembleia Nacional, brado vibrante de vivência e serviço à Pátria.

Espectáculo de Beneficência

Promovido pelos alunos do C.I.S.M.I. realiza-se amanhã e depois, no Teatro António Pinheiro, um espectáculo de beneficência, no qual apresentarão a revista «Abotoa o Botão».

Dado o fim a que se destina espera-se a comparência do público.

Vende-se

Uma courela de regadio, com casas, no sítio do Alto, freguesia de S. Tiago.

Tratar com Manuel Francisco ou com sua mulher, Custódia Eduarda, moradores no Brejo, freguesia da Luz — Tavira.

ROMEIRA

Todos os fios de lã para tricôt

encontra V. Ex.ª aos melhores preços do mercado no depósito da fábrica
MEIAS DE NYLON Preços de Fábrica

FABRICA:
ALENQUER
Telefone 15

DEPÓSITO:
Rua dos Fanqueiros, 96, 1.º-Dt.º
Telefone 21693 — LISBOA

Enviámos amostras — Fazemos remessas pelo correio

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

« TWIST »

V há dias na T.V. dançar o «Twist», a loucura de 61, que veio vingar o cadáver do «rock'n'roll». Não em Portugal, onde ainda essa epidemia não entrou, contrabandeada à luz do bom senso, e, de momento, parece (parece...) não nos ameaçar, mas em Paris, nessa Paris luminosa, onde a juventude do «Paris-By-Night» se enlata no desenhar de curiosas figuras da dança, desde o «busto móvel», desengonçado, ao «java-twist», em que se adivinha Paul de Kock, em «Uma Casa de Malucos».

por António Augusto Santos

Este sr. «Twist», deve ser uma espécie de rei que não chegará a ficar na história... como o «chá-chá-chá», o «swing», a «rumba» e tantas outras. Um rei... como algumas centenas de partidários, prometendo-lhes uma existência com liberdade de movimentos.

Chamam-lhe a dança da moda; melhor: o «dernier cri» das caves parisienses, mas se o é, será talvez porque Johnny Hallyday a medicou aos existencialistas, com a grande recomendação de «agitar bem, sempre que usar».

A dança, pelo que me foi dado ver, tem o seu quê de Chaplin, naqueles filmes de 1920, de 16 imagens por segundo, vívidos, agora, nas modernas desbobinadoras. Nela tudo é trepidante, irrisório, de mímicas estúpidas e irrequietas.

Analisa-se-lhe a mímica, e da sua linguagem — a perder de vista com os «belos retratos» de Marcel Marceau — procura-se traduzir qualquer coisa do seu intraduzível, espremer qualquer coisa de Le Parra, nas suas adoráveis caricaturas, ou mesmo da seicentista comédia «dell arte», e nem o riso consegue sublinhar as suas proezas.

Tive uma ideia para dar uma visão do «Twist» aos nossos leitores. Como o «Twist» está para todas as linguagens que queiram interpretá-lo, vou ver se consigo desenhar um «libreto», para a sua interpretação, em português. Fazemos, pois, parar a loucura desses títeres, com corda para uma noite inteira. Uns simples 6x9 bastam para expressar a sua insignificância. Fotografados na meia dúzia de atitudes, vamos examiná-los.

Para mais facilidade, falemos uma linguagem futebolística... Valeu? Todos os passes da moderna dança serão interpretados, futebolisticamente falando. O leitor afecto no domingo-a-domingo aos rectângulos de futebol, sabe, certamente, tudo quanto lá se passa nos 90 minutos. Deve, pois, ter nos olhos um «Seguir pela Imagem» — não diremos um «Larousse» — para facilmente «ver» a dança através dos nossos comentários.

A dança começa pelo «busto imóvel», em que ele e ela nos dão como que uma parêntese de médios ou defesas, de mãos nas ancas, em atitudes aparvalhadas, decepcionados, tal como se o árbitro interpretasse mal as regras, e assinalasse um «penalty» no centro do terreno de jogo...

Depois, o «agitar dos joelhos» e a parêntese enraivecida ameaça o árbitro. Os braços deslocam-se dos troncos, em sinal de comentário a: — «Ele faz o que quer...» expresso em gestos para a bancada, e vem o «golpe de ancas», com ela mais atrevida do que ele (o século é



Castro Marim

Pela Província

Diversos — Estão muitos adiantados os serviços de electrificação desta vila, cujos moradores estão na esperança de que ela seja brevemente inaugurada.

A exploração foi dada, por concessão, à Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, pelo prazo de 20 anos.

— Para comemorar a data do dia da Restauração, a Filarmónica desta vila deu alvorada às 7 horas, percorrendo as principais ruas.

Necrologia — Após longo sofrimento faleceu na sua residência a sr.^a D. Rita da Assunção Martins dos Reis, de 75 anos de idade, viúva. A finada era mãe do sr. Manuel Maçarreu dos Reis, funcionário em Lisboa, da sr.^a D. Maria da Assunção dos Reis, avó do sr. Anibal dos Reis Estevinha, furiel miliciano ao serviço em Lisboa, irmã dos srs. José Floro Martins e João António Martins e tia do sr. António Vitor Severo Martins. — C.

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

do feminismo) a chamar nomes ao árbitro, caminhando para o juiz da partida, indiferente a irradiações, num gesto de dores no fígado.

Nas «variações», vemos ele e ela batendo o pé (em jeito de fandangada) birrentos e inconformados, com o tal «penalty», inconcebível, como a desafiar a «orquestra» da bancada.

Depois, e como se o árbitro desse o dito por não dito, vem o «grande balanceio», espécie de contentamento, expresso em gestos de bailarico folclórico, ou melhor: de lançamento lateral horrivelmente executado.

Na «queda» para trás, «com ambos folientos e muito divertidos (braços a desafiar a pega de caras) fica-nos a impressão de que o grupo da «casa» marcou, enfim, e virou o resultado do avesso, conseguindo o dois pontos preciosos — como soe dizer-se... em bom jornalismo desportivo.

Por último, vem «java-twist», com os dois «backs» a compasso, em defesa reforçada, aliviando a dois pés... nos derradeiros momentos.

É assim o «Twist», que também poderíamos comentar em linguagem tauromática, desde a «pega de caras» do «busto imóvel» ao «par de bandarilhas» de «o grande balanceio»; desde a «pega de comboio» ao «agitar de joelhos», ao «quite por gaoneras» do «golpe de ancas», passando pelo «mano a mano» do «java-twist».

Podia... mas em futebol a expressão do «libreto» é mais do nosso grande público...

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA



Pela Cidade

Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos durante o mês de Dezembro:

Enfermarias — Drs. Carlos Palma e Gonçalo Pessanha.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Carlos Palma, às 8 horas; de 16 a 31, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 horas.

Dispensário do I.A.N.T. — De 1 a 15, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 horas; de 16 a 31, Dr. Carlos Palma, às 8 horas.

Cirurgia geral — Consulta em 10, pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 23, pelo Dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Otalmologia — Consulta em 10, pelo Dr. Artur May Viana, às 9 horas.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

A homenagem

Poeta Emiliano da Costa

Continuação da 1.ª Página

de simplicidade, aquela irradiante simpatia que tanto o caracterizam.

Emiliano da Costa é uma estrela de primeira grandeza que fulgura entre as mais belas constelações da poesia contemporânea.

E ao falar de Emiliano lembro o que disse outro grande vate, Guerra Junqueiro, «os grandes poetas são os grandes homens, e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela inocência, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração».

Muito embora motivos imperiosos nos tivessem inibido de assistir a essa tão bela quanto emotiva manifestação de apreço, que acompanhámos em espírito, daqui endereçamos ao ilustre conterrâneo e querido amigo, Poeta Emiliano da Costa, um sincero e cordial abraço como prova irrefutável da mais alta admiração pelo seu talento.

E' com prazer que damos à estampa a bela poesia escrita por Alberto Marques da Silva, dedicada ao 76.º aniversário do Poeta que, com a devida vénia, transcrevemos do nosso prezado colega «O Algarve», de Faro.

DIA DA MÃE

Da importante firma A. J. Oliveira, Filhas & C.ª Lda., fabricantes das máquinas de costura «Oliveira», recebemos a oferta de dois folhetos com várias imagens coloridas de Nossa Senhora da Conceição, contendo dois lindos sonetos, um de António Nobre e outro do Padre Moreira das Neves.

«Oliveira», em permanente convívio com a mulher portuguesa, quiz assim prestar homenagem às Mães de Portugal.

Felicitamo-la pela sua simpática ideia e agradecemos a gentileza da oferta.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, barco a motor de passageiros, que também serve para agência de vapores ou pesca. Motor de 75 H. P., estado novo. Estando a trabalhar entre Faro e suas praias. Vende-se por metade do seu valor.

Tratar na Rua do Compromisso, 70 — Faro.

Rotary Clube de Faro

SOB a presidência do sr. Francisco Guerreiros Barros, secretariando o sr. Arthur Serrão e Silva, teve lugar a reunião semanal do Rotary Clube de Faro, a que assistiu o sr. Eng.º Alvaro de Freitas, sócio do Rotary Clube de Lisboa.

O sr. Benigno Cruz ocupou-se da direcção do protocolo, apresentando o visitante e anunciando o programa da reunião, usando depois da palavra o secretário para fazer a leitura do expediente.

No período de actualidades e comunicações foi dada a palavra ao sr. Eng.º Alvaro de Freitas que manifestou o seu regosijo por poder assistir a uma reunião rotária na província do Algarve, lacuna que há muito se fazia sentir. Congratulou-se com a vitalidade rotária que viera encontrar no jovem Clube de Faro, pois julgara vir deparar com um Clube em organização e, pelo que observava, estava perante um Clube em plena florescência e já robustecido, embora há pouco admitido em Rotary Internacional.

Para apresentar uma curiosidade levantou-se o sr. Benigno Cruz que leu uma oração indígena, em voga na provincia, de Angola por altura de 1890.

Depois dos rotários presentes terem feito a sua auto-apresentação rotária em honra do visitante, o sr. Francisco Guerreiro Barros levantou-se para proferir a palestra regulamente, dissertando com largueza de conhecimentos sobre a origem e desenvolvimento do «comércio» através dos tempos, trabalho apresentado num improviso aliciente, que agradou sobremaneira e foi largamente aplaudido quando o orador terminou.

O comentário da reunião foi feito pelo sr. Dr. Manuel Cabeçadas que elogiou a palestra — autêntica lição que a todos interessou, dada a vastidão de pormenores que documentaram e fortaleceram os conceitos do orador oficial da noite.

Na reunião da próxima semana será palestrante o sr. Benigno Cruz que apresentará um trabalho intitulado «Uma manhã na histórica e artística Granada».

Agradecimento

José do Carmo Araújo
Maria Mónica Araújo, Maria Catarina de Araújo, Maria Cristina Pires de Araújo e José da Cruz Pires Araújo, vêm, por este meio, expressar o seu profundo agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar seu pai à última morada e bem assim às, que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

MISERICÓRDIA DE TAVIRA

Assembleia Geral Ordinária
CONVOCATÓRIA

Nos termos do § 1.º do Artigo 25.º do Compromisso desta Misericórdia, convoco a mesma Assembleia a reunir no dia 10 de Dezembro próximo, pelas 17 horas, na Sala de Sessões, a fim de se proceder à eleição dos membros dos corpos directivos para o triénio 1962-1964.

Não havendo número legal de sócios para poder funcionar a Assembleia Geral na hora marcada, esta reunirá uma hora depois, com qualquer número.

Tavira, 21 de Novembro de 1961
O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Raimundo Ramos Passos

MISERICÓRDIA DE TAVIRA

Assembleia Geral Extraordinária
CONVOCATÓRIA

Nos termos do § 2.º do Artigo 25.º do Compromisso desta Misericórdia, convoco a mesma Assembleia a reunir no dia 10 de Dezembro próximo, pelas 19 horas, na Sala de Sessões, a fim de se deliberar sobre as obras a executar no Balneário da Fontinha da Atalaia e dar poderes à Mesa para a sua execução.

Não havendo número legal de sócios para poder funcionar a Assembleia Geral na hora marcada, esta reunirá uma hora depois, com qualquer número.

Tavira, 22 de Novembro de 1961
O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Raimundo Ramos Passos

INAUGURAÇÃO

Madama Assunção, comunicada V. Ex.ª que inaugurou o seu novo salão estilo AMERICANO, continuando ao vosso inteiro dispor, para apresentar-vos a nova linha «ESPACES» e tintas nas cores da moda, para o Outono e Inverno. Agradece penhoradamente a visita de V. Ex.ª

Rua Dr. Parreira, n.º 81 - Tel. 66 — TAVIRA

